

Biodiversidade: fique de olho!

Maria Isabel Landim¹
Felipe Alves Elias²

RESUMO:

O Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP) é uma tradicional instituição na produção de conhecimento sobre Biodiversidade, Sistemática e Taxonomia Animal. Sua coleção centenária de fauna brasileira é uma das maiores do mundo. Nos últimos anos, o MZUSP vem também chamando a atenção para seus programas de comunicação com o público, por meio de exposições (longa duração, temporárias e itinerantes) e outras atividades (Dia de Darwin, Ciclo de Palestras, etc). Isto resulta do oferecimento de uma nova linha de pesquisa dentro do Programa de Pós-graduação do museu com o tema Museologia em Ciências. Em 2011, o MZUSP foi convidado pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária a montar um projeto expositivo para a Estação Ciência da USP. Decidimos falar de Biodiversidade no ano da Rio+20. Apresentamos aqui os desafios encontrados por nossa equipe multidisciplinar (docente, técnicos em museografia, designer, cenógrafa e educadora). A preparação de uma exposição de um museu de história natural em um espaço interativo foi encarada como uma oportunidade desafiadora. O projeto *Biodiversidade: Fique de Olho!* assume os desafios e provoca o visitante a refletir sobre a realidade em que estamos inseridos, na maior metrópole do país.

Palavras-chave: biodiversidade, museus de história natural, exposições

ABSTRACT:

The Museum of Zoology of the University of São Paulo (MZUSP) is a traditional institution of production of knowledge on Biodiversity, Systematics and Animal Taxonomy. Its centenary collection is one of the largest in the world of Brazilian fauna. In recent years, the MZUSP also comes calling attention on its communication projects as exhibitions (long-duration, temporary and traveling) and other activities (Darwin's Day, lectures, etc). A new line of research within the Museum's Post-Graduation Program with the theme Museology was recently opened. In 2011 the MZUSP was invited by the Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária to create an exhibition for the Estação Ciência da USP, a Science Center. We decided to talk about Biodiversity in the year of Rio+20. We describe here some of the challenges encountered by our multidisciplinary team (docent, technicians in museographic area, designer, set designer and educator). The preparation of this exhibition by a Museum of natural history in an interactive space was taken as a in challenging opportunity. The project *Biodiversity: stay tuned!* assume the challenges and provokes the visitor to think about the reality in which we are inserted into the largest metropolis in the country.

Keywords: biodiversity, natural history museum, exhibition

¹ Zoóloga, Professora Doutora da Divisão de Difusão Cultural do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP) e bolsista JP FAPESP 2011/51754-00.

² Biólogo, Paleoartista e Técnico Superior do Serviço de Museologia do MZUSP

1. Introdução

A tensão entre tradição e renovação está inscrita de forma indelével na história do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. Com sua coleção de origem centenária, é um dos principais centros de produção de conhecimento em diversidade animal em nosso país (LANDIM, 2011).

Durante grande parte de sua história, que começa no final do século XIX, a luta pela conquista de um espaço proeminente em sua área de atuação, a Zoologia, absorveu a atenção de sucessivos gestores. Por essa razão, a comunicação museológica era vista como uma atividade secundária na instituição.

Por cerca de 40 anos, que duraram até 1998, o MZUSP apresentou uma exposição tradicional de taxidermia exibida em ordem taxonômica, sem qualquer preocupação em estabelecer um diálogo efetivo com o público. Isso refletia a visão tradicional, comum aos museus universitários de zoologia, de se apresentarem como livros ilustrados 3D dos textos básicos da área.

Em 1998, o MZUSP fechou para reformas e, com uma nova visão de gestão, começou um processo de atualização do diálogo com os seus visitantes. Reabriu em 2002, com uma nova linguagem em uma exposição de longa duração que articulava acervo e uma narrativa subjacente. Essa exposição de longa duração, após 10 anos, foi desmontada e uma nova será apresentada ao público no início de 2013.

Desde o final da década de 1990, este processo de renovação ganhou força na instituição e hoje a comunicação museológica representa uma parte importante da identidade desta tradicional instituição. Além do Programa de Pós-graduação em Sistemática, Taxonomia Animal e Biodiversidade, o MZUSP responde, ao lado dos demais museus estatutários da USP (Museu de Arqueologia e Etnologia; Museu de Arte Contemporânea e Museu Paulista), pelo Programa Interunidades de Pós-graduação em Museologia.

O reconhecimento dessa nova face de atuação do MZUSP chega-nos através de uma série de convites para realização de projetos de comunicação dentro e fora da Universidade de São Paulo.

Em 2011, após o fechamento da galeria de exposições para realização de reformas de infraestrutura no MZUSP, fomos convidados pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão

Universitária da USP a elaborar um projeto expositivo para a Estação Ciência³. Este convite representou um desafio adicional à nossa equipe: conceber uma exposição de um museu de história natural em um espaço interativo de divulgação científica.

Os museus ditos tradicionais tem seu centro gravitacional girando em torno de seu acervo (BRANDÃO; LANDIM, 2010). Este acervo é usado como parte de sua narrativa e, em geral, possui um valor intrínseco. Em nosso caso, o acervo zoológico coloca-nos diante de uma responsabilidade adicional neste início de século XXI: o de gerar e compartilhar informação sobre a (crise da) biodiversidade. Precisamos garantir a preservação de nosso acervo, mas também alertar para a preservação dos ambientes naturais que são destruídos em nosso país em velocidade alarmante (LANDIM; HINGST-ZAHER, 2010). Adicionalmente, o fato de sermos um museu universitário nos proporciona enorme liberdade em relação aos diversos públicos que queremos abordar. Podemos elaborar projetos para um público mais jovem ou adulto, ou mesmo para o público infantil, dependendo do tema com o qual trabalhamos. Nunca perdendo de vista que as escolas representam um número significativo dos nossos visitantes (aproximadamente 50%).

Os centros de ciências, como a Estação Ciência da USP, estão desvinculados do acervo e fazem difusão através de propostas interativas baseadas em conceitos como *hands on*. No geral, a abordagem temática, pela desvinculação com o acervo, é mais abrangente que a dos museus tradicionais, visando principalmente o público escolar.

2. O conceito

Diante da perspectiva da realização da convenção da ONU Rio+20 em 2012, e da natureza de nosso acervo, resolvemos escolher a biodiversidade como nosso tema. Partindo da mais remota origem da vida na Terra até o surgimento e estado atual dos biomas brasileiros, o recorte curatorial do projeto *Biodiversidade: Fique de olho!* foi elaborado de forma a proporcionar ao público uma reflexão sobre os desafios que enfrentamos diante da crise atual da biodiversidade.

Nos processos de comunicação museológica do MZUSP, sempre buscamos a multidisciplinaridade do nosso discurso partindo das seguintes premissas:

não existe fauna sem flora;

não existem fauna e flora sem a Terra (não existe biologia sem geologia);

³ Inauguração em 20 de junho de 2012.

a maior parte da biodiversidade está extinta (não existe neontologia sem a paleontologia); a escala espaço temporal é fundamental para a compreensão dos padrões atuais da biodiversidade.

Uma das etapas importantes do processo de comunicação com o público na Estação Ciência seria a de encontrarmos a nossa voz. Neste caso, seria a voz de um museu de história natural, produtor de conhecimento sobre biodiversidade e com uma das maiores coleções da fauna brasileira do mundo.

Partindo destes princípios, reunimos uma equipe multidisciplinar composta por zoóloga, técnicos de museu, educadora, arquiteta e programadora visual para elaboração do projeto que não perdesse de vista a nossa identidade.

Considerando também a questão orçamentária, elaboramos uma clara concepção do que não queríamos ou podíamos fazer. Por exemplo, não queríamos simular uma exposição com a linguagem “tradicional” dos centros de ciências ditos interativos. A intenção era preservar nossa identidade institucional e assim promover uma reflexão do público sobre as diferentes linguagens usadas nas demais mostras da Estação Ciência e na nossa.

Outro ponto chave para os curadores era o de que essa atitude de identidade autoral aparecesse em outros aspectos do projeto e fosse explorada em articulação com o tema Biodiversidade. Neste sentido, assumimos também uma voz metropolitana e toda a urbanidade de São Paulo. Na articulação entre urbanidade e biodiversidade, sugerimos também que o uso de conceitos como “artificial”, para designar produções humanas; e natural, para todo o resto, talvez não fosse mais adequado. Segundo Antoine Lavoisier, pai da química moderna, “na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. Por outro lado, com o naturalista inglês Charles Darwin, compreendemos que a nossa espécie é apenas mais uma no cenário da biodiversidade contemporânea. Sendo assim, tudo o que elaboramos, construímos ou transformamos é parte integrante da natureza. Da mesma forma que as formigas constroem seus formigueiros, os seres humanos constroem suas cidades como estruturas para reunir e concentrar indivíduos de sua espécie. Queríamos sugerir um olhar para a cidade como um ambiente natural profundamente modificado por uma espécie (mas qual não seria?).

Nessa mesma linha, a cidade também pode ser vista como um ambiente que proporciona recursos excepcionais para a conservação das espécies e de ambientes naturais (mais diversos) distantes da mesma. Nas cidades, além da concentração de pessoas e problemas gerados por ela, encontramos concentração de conhecimento e informação. Encontramos instituições que, como o MZUSP, abrigam acervo e realizam pesquisas que

servirão de base para as políticas de preservação que serão implantadas em nosso país.

Essas foram as ideias levadas (em conjunto com nossa listagem de acervo) aos demais membros da equipe de concepção do projeto. Foram inúmeras reuniões onde os conceitos da exposição eram expostos e os vários profissionais envolvidos apresentavam problemas e soluções preciosos. A diversidade de visões dentro da equipe ajudou-nos muito a afinar o nosso discurso. Em contrapartida, recebemos o estudo de cenografia e implantação e o de identidade visual que traduziam de forma exemplar a nossa concepção inicial.

3. O projeto

Partindo de nossas premissas, a cenógrafa contratada mimetizou uma malha urbana na distribuição do acervo no espaço expositivo (Figs. 1a-b). Contemplou avenidas e ruas assim como a verticalização da cidade a partir do seu centro. O mobiliário foi usado para contemplar essa dimensão (Fig. 2a-b).

A designer (ou programadora visual) propôs uma logomarca baseada nas cores preta e amarela (Fig. 3a). Essas são cores naturais de advertência encontradas em animais (como abelhas) que representam algum tipo de ameaça aos seus predadores. Essa coloração aposemática era a adequada para traduzir visualmente o subtítulo da exposição: fique de olho!

Além disso, ela também propôs que a sinalização fosse baseada nas tradicionais placas de trânsito (Fig. 3b). Este detalhe é muito interessante sob diversos ângulos. O primeiro deles relaciona o trânsito a um dos maiores problemas “ambientais” enfrentados em uma metrópole contemporânea. Um segundo, seria a própria opção que nosso país fez no passado em investir em rodovias, o que hoje resulta em nossa dependência do uso de combustíveis fósseis ou biocombustíveis. Essas opções do passado têm grande impacto em questões econômicas e ambientais atuais. Outro aspecto é que pelas razões acima, para conhecermos ambientes mais diversos que os das cidades onde moramos, precisamos enfrentar as rodovias nacionais e as suas sinalizações nos levam aos diferentes cenários (ou biomas) da biodiversidade brasileira.

Designer e cenógrafa optaram pelo uso do OSB, *Oriented Strand Board* (Figs. 2a-b) para o revestimento e acabamento do mobiliário da exposição. Além de barato, durável e versátil, este material é o mesmo utilizado em tapumes de obra nas cidades. São sinalizações explícitas de transformação observada nos grandes centros urbanos e também na biodiversidade do planeta, que não foi sempre a mesma e que está em contínua transformação.

Por ser produzido a partir de sobras de madeira de fontes reflorestadas, ser facilmente reutilizável e reciclável, o OSB é considerado matéria-prima de baixo impacto ambiental, o que sinaliza também nossa preocupação com o consumo sustentável dos recursos naturais.

Nesse contexto, o acervo do MZUSP foi inserido para contar um pouco da história da vida na Terra e dos desafios que enfrentamos diante da crise atual da biodiversidade. O recorte curatorial se revela no texto de apresentação que foi impresso em um painel-placa-de-trânsito e será inserido no início do trajeto expositivo:

O Brasil é um país megadiverso - abriga ca. de 20% de toda a biodiversidade do planeta. Estamos na maior metrópole do país - 4a maior do mundo - com cerca de 20 milhões de habitantes. Haja superlativos! Infelizmente nem todos são positivos quando falamos da biodiversidade brasileira. Alguns dos nossos biomas estão ameaçados e nos tornamos foco de políticas de conservação. Diariamente uma boa parte da cobertura vegetal de nosso país desaparece para dar espaço a pastagens e agriculturas para alimentar a “fome” de 7 bilhões de seres humanos. Espécies desaparecem sem que sequer tivéssemos conhecimento de sua existência. Na metrópole paulistana, somos um centro de referência no estudo da biodiversidade. Somos guardiões de uma das maiores coleções mundiais da nossa fauna. Corremos contra o tempo para gerar conhecimento sobre o que desaparece a uma velocidade assustadora. Convidamos vocês a encararem de frente as opções que nosso país tomou no passado e toma no presente, para tentar projetar o país em um futuro mais distante que o dia de hoje. Através das estradas nacionais avenidas e ruas, vocês são convidados a vislumbrar a nossa biodiversidade e a lutar para que ela não se torne apenas objeto de museu. *Fiquem de olho!*

(a)



(b)

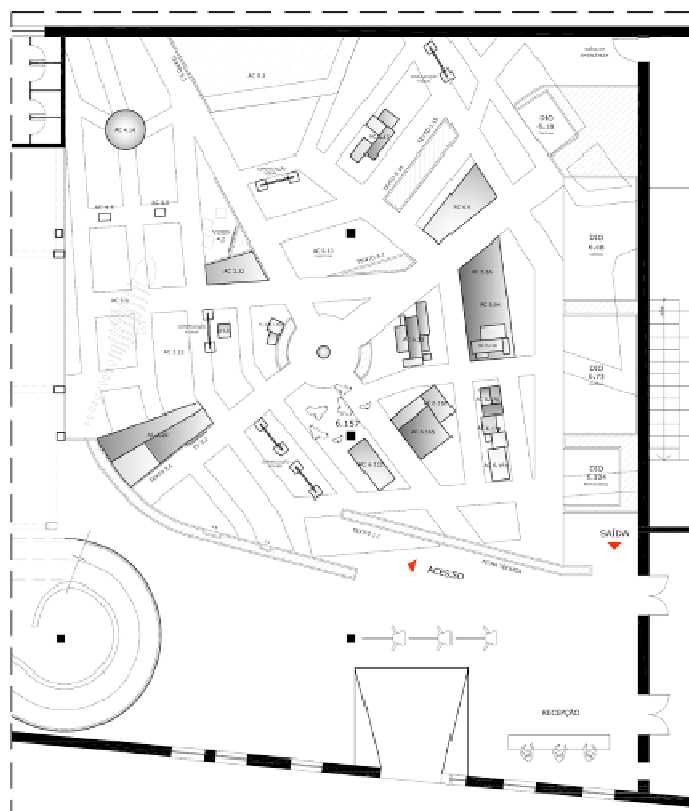
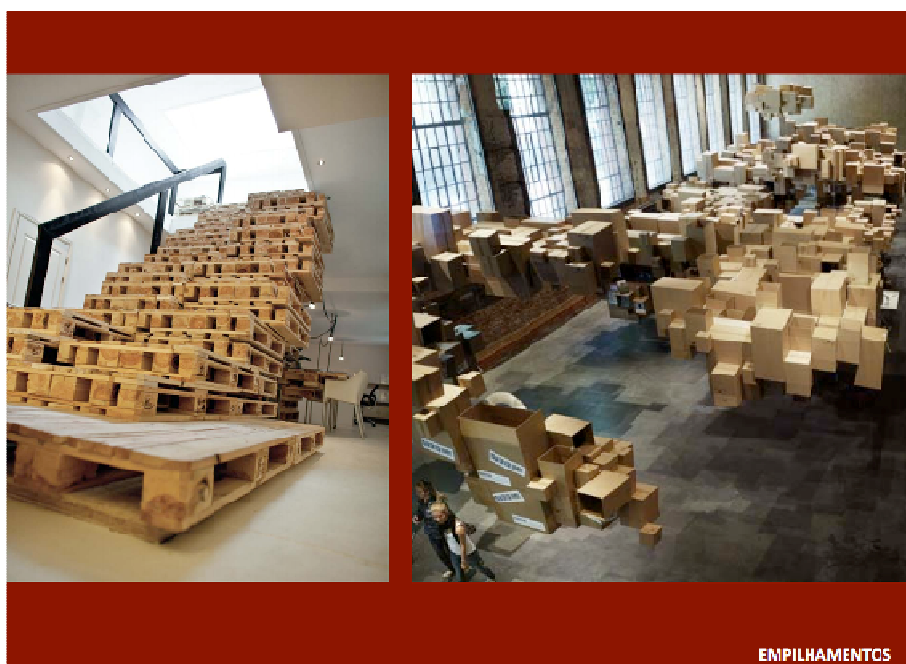


Figura 1 - (a) Modelo urbano usado como inspiração para implantação do projeto *Biodiversidade: Fique de olho!* (b) Planta da implementação no espaço expográfico no hall de entrada da Estação Ciência da USP. (Imagens: Projeto Thereza Faria)

(a)



(b)

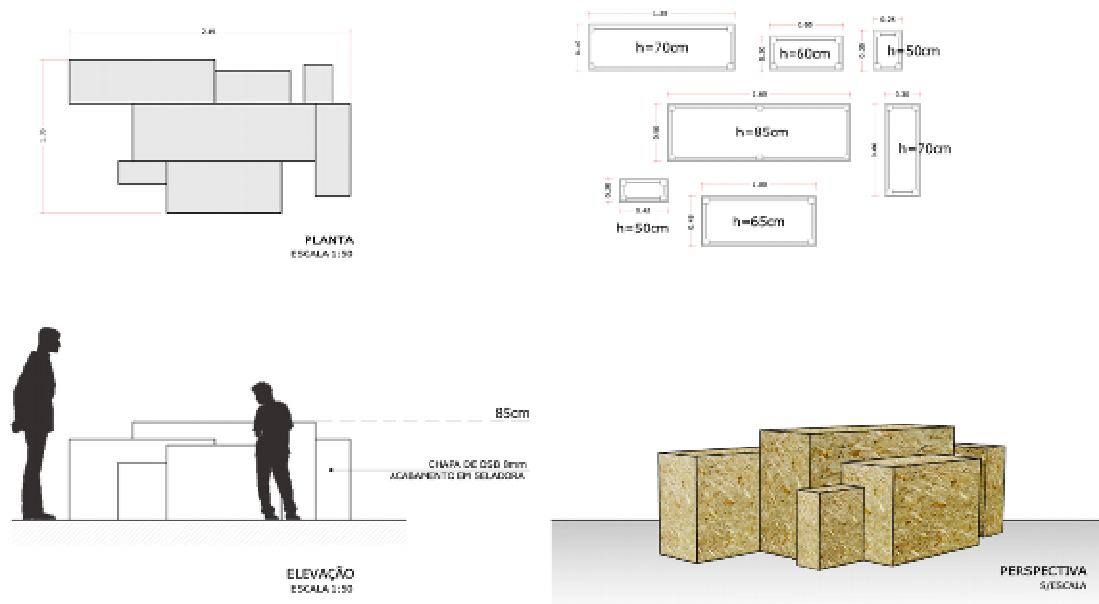


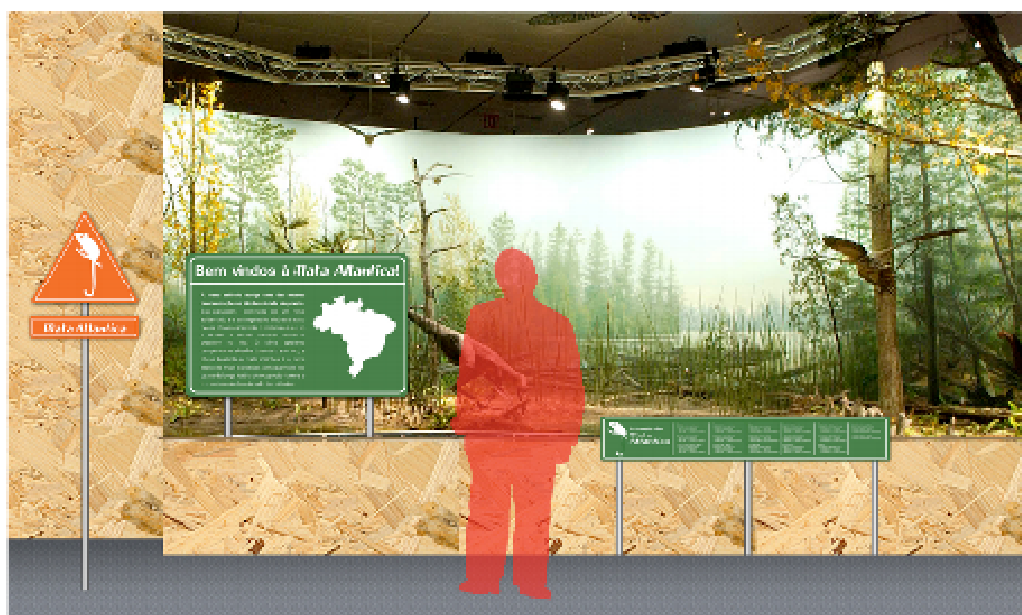
Figura 2 - (a) Imagem de referência para o desenho do mobiliário contemplando a ideia de verticalização. (b) Expositores desenvolvidos para Biodiversidade: Fique de olho! (Imagens: Projeto Thereza Faria)

(a)



(b)

Interno Dioramas



Biodiversidade
Fique de olho



Figura 3. (a) Logomarca da Exposição com suas cores de advertência expressando visualmente o “Fique de olho!” (b) Sinalização utilizada na exposição *Biodiversidade: Fique de olho!* (Imagens: Projeto Tissa Kimoto).

4. Conclusão

Diante do desafio de apresentar um projeto de comunicação de um Museu de História Natural em um meio de comunicação (Centro de Ciências) diverso à nossa natureza e com restrições orçamentárias, optamos por um discurso direto, honesto e autoral. O desenvolvimento do projeto foi beneficiado por uma abordagem multidisciplinar em que cada profissional, em sua área de atuação, contribuiu decisivamente para traduzir o conceito da exposição em um projeto que esperamos ser interessante ao suscitar reflexão em diversas áreas, da biodiversidade à museologia.

5. Referências Bibliográficas

BRANDÃO, C. R.; LANDIM, M. I. P. F. Museus: o que são e para que servem? In: SISEM-SP. (Org.). **Museus: o que são, para que servem?**. 1 ed., v. 02. São Paulo: ACAM-Portinari, 2011. p. 93-103.

LANDIM, M. I. P. F. **Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo: adaptação aos novos tempos**. Estudos Avançados, São Paulo, v.25, n.73, 2011. p.205-216.

LANDIM, M. I. P. F; HINGST-ZAHER, E. **Brazil's biodiversity crisis. The International Council of Museums Magazine**, Paris, v. 63, n.2, 2010. p. 14-15.